

LITERATURA ANTIRRACISTA: PRÁTICA EM ENSINO FUNDAMENTAL

Thamara da Silva Figueiredo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – tsfigueiredo.rj@gmail.com

Priscilla da Silva Figueiredo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – priscillafigueiredo.rj@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho se trata de um relato de experiência de uma proposta de atividade pedagógica realizada com duas turmas de 4º ano do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental. O objetivo da proposta foi trabalhar o texto literário de poesia na escola a partir de uma abordagem antirracista. A abordagem antirracista é parte importante do trabalho pedagógico atual, especialmente com enfoque no cumprimento da lei 10 639/03. Além disso, o trabalho com textos literários para a formação de leitores e escritores, e ainda, para a apreciação da literatura por alunas e alunos do Ensino Fundamental. No contexto do Brasil, último país a abolir a escravização de africanos e afrodescendentes, onde ainda é possível perceber a profunda exclusão desta população, o trabalho com literatura antirracista é imprescindível para a formação escolar para a cidadania.

Palavras-chave: ensino fundamental, educação antirracista, ensino de literatura

Numa sociedade racista não basta não ser racista, é necessário ser antirracista.

Angela Davis

Introdução

Sempre que se pensa em Literatura na Educação Fundamental, a maior parte das pessoas pensa nos anos do ensino médio e em um ensino de Literatura que está próximo ao ensino de História da Literatura, com os livros didático divididos em movimentos literários distribuídos em uma linha do tempo contínua, desde os movimentos mais antigos até os mais recentes. Entra-se em contato com a extensa maioria dos textos literários a partir de fragmentos, à exceção de três ou quatro obras completas que são, em geral, dos mesmos autores – provavelmente, José de Alencar, Alvarez de Azevedo e Machado de Assis e o exercício mais comum para essa maneira de ensinar consiste em encontrar características do movimento literário presentes naquele fragmento.

A partir desta realidade surgiu a reflexão do presente trabalho: os textos literários estão presentes nos anos iniciais da escola? A resposta é obviamente afirmativa. Os textos literários estão mais do que presentes nos primeiros anos de escolaridade, na verdade, os primeiros anos são aqueles nos quais mais se lê literatura. Entretanto, tais textos são utilizados para o desenvolvimento da habilidade de leitura, para aquilo que é chamado de formação de leitores. O objetivo da reflexão não é, de maneira alguma, falar contra a formação de leitores. Antes, é plantar a ideia de que além de formar leitores, há a possibilidade de se fazer uso do texto literário em sala de aula para desenvolver habilidades tais como apreciação estética da literatura e produção de literatura por parte dos alunos. Para isso, é necessário que as professoras também se tornem conscientes de suas escolhas e usos desses textos.

O presente relato de experiência terá como base teórica o livro *Leitura de literatura na escola*, organizado por Maria Amélia Dalvi (UFES), Neide Luzia de Rezende (USP) e Rita Jover-Faleiros (Unifesp). Em especial o primeiro texto deste livro, intitulado “Aspectos metodológicos do ensino de literatura”, escrito por Annie Rouxel, da Universidade de Bordeaux. Rouxel começa seu texto fazendo três perguntas bastante importantes para os questionamentos deste relato de experiência: “ensinar literatura para quê?”; “que literatura ensinar?”; e “quais avanços teóricos temos?”. (COLOCAR A REFERÊNCIA) Sabemos que a resposta da primeira pergunta, *literatura para quê?* ajuda a definir o método a ser implementado. A segunda pergunta é central para a presente reflexão, porque *que literatura ensinar?* passa pela ideia, pela crença que cada professora ou professor – e na verdade, cada pessoa – tem do que venha a ser Literatura. Por que consideramos, por exemplo, *Iracema*, de José de Alencar, um exemplo de texto literário e *Harry Potter*, de J.K. Rowling, não? Entretanto, precisamos antes de respondermos à pergunta central, refletir com a ajuda da autora nas questões teóricas para termos um suporte mental que nos habilite a desfazer algumas crenças limitantes que trazemos desde nossos tempos de alunos sobre o que venha a ser literatura.

A terceira pergunta proposta por Rouxel será a primeira a ser apresentada aqui. Em seu texto, Rouxel aponta avanços teóricos em três áreas: concepção de literatura, leitura literária e cultura literária. No que diz respeito à concepção de literatura a autora percebe uma mudança na concepção de literatura como *corpus* para uma concepção mais extensiva da literatura e para uma literatura como prática (como atividade). E de uma concepção autotélica da literatura (ou seja, um conjunto de textos cuja finalidade era exclusivamente estética) para uma concepção de literatura como ato de comunicação (que envolve interesse pelo conteúdo existencial das obras e os valores éticos e estéticos que carregam). No que diz respeito à leitura literária, ela aponta mudanças no leitor, que deixa de ser o leitor modelo e passa a ser leitores reais, plurais

e empíricos; no texto a ler, que passa a ser o “texto do leitor”, conceito ligado à teoria da recepção; e na postura em relação ao texto, que deixa de ser distanciada para ser implicada. Por fim, no que diz respeito à cultura literária, ela aponta mudanças de uma antiga concepção de cultura literária entendida como capital cultural (definida como um inventário, algo cumulativo) para uma cultura interiorizada, que é processual e que pode variar com o tempo e uma cultura literária que deixa de obedecer certa prescrição social e passa a ser concebida como um “saber para si”.

Essas três mudanças já podem ser observadas nas práticas de muitas professoras e professores se pararmos para pensar. Hoje em dia, muitas delas já atuam a partir da forma colocada por Rouxel, mas na maior parte das vezes, isso se dá de forma intuitiva. Desta forma, o objetivo desta parte teórica é trazer toda essa prática à consciência para que as escolhas feitas possibilitem que professoras e professores trabalhem intencionalmente de maneira antirracista com textos literários nos anos iniciais da escola.

Sendo assim, qual é, afinal de contas, o objetivo do ensino de literatura na escola? De acordo com a autora, o objetivo seria,

a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico - capaz de construir sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção - que é prevista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino de literatura vislumbra (2015, p. 20)

Diante da resposta da autora, surge outra pergunta, como formar esse *sujeito leitor livre*? Rouxel aponta que isso é possível como resultado do que ela chama de *sinergia* entre a atividade do aluno leitor no âmbito da classe – que se torna uma *comunidade interpretativa* – a literatura ensinada (textos e obras), e a ação da professora. A estréia do aluno enquanto sujeito leitor dá-se quando tanto professora quanto aluno renunciam à imposição de um sentido do texto que seja único, ou seja, convencionado, e que deve ser transmitido. Sim, essa é uma tarefa mais complexa, entretanto, muito mais estimulante também, porque parte-se da recepção do aluno. É desafiante porque o a leitura literária em sala de aula é também desenvolvimento de saberes e de técnicas, não é apenas leitura.

De acordo com Rouxel, há três saberes importantes a serem trazidos e desenvolvidos nas atividades de leitura literária, são eles: os saberes sobre os textos, os saberes sobre si e os saberes sobre o ato léxico ou saberes metaléxicos. Os saberes sobre os textos dizem respeito ao conhecimento dos gêneros, poética dos textos, funcionamentos dos discursos, etc. Esses saberes se desenvolvem principalmente no estudo de obras integrais. É ali que o aluno aprende a descobrir, identificar e compreender essas características textuais; com o tempo essa habilida-

de se transforma em ferramenta de leitura. As atividades de produção textual literária também é imprescindível no desenvolvimento desses saberes. Os saberes sobre si dizem respeito à afirmação de uma subjetividade em ato na leitura, ou seja, é a partir deles que o aluno elabora um pensamento individual e faz um julgamento sobre a obra. Sabemos que nos anos iniciais os alunos não têm tantos problemas em falar seus pensamentos, mas que com o tempo, a tendência é que eles permaneçam bastante tempo em silêncio quando da aula de leitura literária. Uma boa sugestão é o diário de leitura. Já os saberes sobre o ato léxico dizem respeito ao equilíbrio entre os “direitos do texto” e os “direitos do leitor”. É importante encorajar o aluno a ter uma leitura subjetiva, entretanto, também é fundamental que eles entendam que uma leitura socializada (como é o caso da leitura literária na escola) impõe algumas regras. O recurso ao texto e a arbitragem dos pares são dois fiéis da balança. Rouxel salienta que a presença da turma é fundamental para a formação dos jovens leitores porque como lugar de debate, ela “ilumina a polissemia dos textos literários e a diversidade dos investimentos subjetivos que autoriza”.

É importante, assim, passar brevemente por algumas considerações em relação à seleção das obras literárias a serem trabalhadas em uma proposta antirracista. Obviamente, o objetivo aqui não é entregar uma lista de obras que vão simplesmente tomar o lugar daquelas já estabelecidas como canônicas. Antes, proporemos algumas reflexões com vistas de ajudá-las a fazer uma escolha *enegrecida*. Em primeiro lugar, é importante apresentarmos aos alunos textos literários diversos. Diversidade de gêneros literários, diversidade histórica, diversidade geográfica e diversidade racial e étnica. Em segundo lugar, é importante propor obras das quais os alunos possam extrair ganho ético e estético ao mesmo tempo. Obras que deixem marcas. E em terceiro lugar, existe a necessidade de se refletir sobre o fato de que o grau de dificuldade da obra proposta deve atender à modalidade de leitura (autônoma ou em classe).

Outra questão bastante importante é o papel da professora enquanto sujeito leitor. O que esse espera é que o papel da professora de leitura literária não seja apenas transmitir uma interpretação construída fora de si. Logo, é fundamental a professora tenha passado ou passe pela aquisição dos saberes recém mencionados. Além de ser sujeito leitor, a professora precisa perceber que leitura do texto poderá ser vislumbrada em sala de aula, levando em consideração, por exemplo, a idade dos alunos e as expectativas institucionais, devendo, por vezes, abrir mão de algumas singularidades de sua leitura pessoal.

Para concluir, qual seria a importância da teoria para a construção de uma leitura de literatura antirracista na escola? Por toda a História (e talvez também durante a pré-história), a humanidade usou a literatura (oral e escrita) não apenas para uma apreciação estética ou para

lazer – público e privado, mas também para transmitir valores e conhecimentos de sua comunidade e sociedade. Apenas para pontuarmos, em sua República, Platão não via lugar para os poetas por conta da influência que eles poderia ter sobre as pessoas, o que poderia causar uma “desordem”. A literatura e as artes são realmente perigosas. Elas falam para além da razão instrumental e são capazes de ajudar a desenvolver uma sensibilidade ética e estética que poderá tornar as escolas, as professoras e os alunos, sujeitos realmente relevantes na luta antirracista. As escolhas dos textos que atendam à fria letra da lei precisam sim passar por uma reflexão teórica profunda para que as professoras possam ser cada vez mais conscientes de sua prática pedagógica em ensino de leitura de literatura na escola a partir dos anos iniciais e conscientes também que as obras literárias que escolhem afetam a formação de seus alunos. A luta antirracista e a descolonização da mente não acontecem a partir de uma lei, mas de uma conscientização de nossos lugares de privilégio e de um racismo institucionalizado e secular que perpassa todo sistema de ensino deste país.

Metodologia

A proposta de atividade descrita neste trabalho foi pensada para ser realizada com duas turmas de 4º ano do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental na área do ensino de Língua Portuguesa. O colégio no qual ela foi feita trabalha esta disciplina a partir de gêneros textuais, os quais são selecionados seriadamente, ou seja, pensando nas séries e nas etapas de desenvolvimento em que os alunos de cada uma supostamente se encontram. Com esta escolha, busca-se pensar nas possibilidades de leitura e inferências que podem ser feitas pelas crianças. A partir destes gêneros, são feitas atividades que envolvem leitura, interpretação de texto, gramática e produção textual.

Segundo a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o ciclo de alfabetização tem a sua conclusão no final do 3º ano do Ensino Fundamental. Desta forma, quando a criança encontra-se cursando do 4º ano, demonstra outras necessidades pedagógicas. Sendo assim, é necessário pensar em propostas que contemplem o desenvolvimento dos alunos e, também, despertem seu interesse.

As turmas de 4º ano de 2017 tinham características bastante peculiares e demandavam um trabalho pedagógico cuidadoso. Eram crianças que já se relacionavam há algum tempo, e por isso, tinham fortes relações de amizade. Essa característica trazia alguns benefícios: por exemplo, de maneira geral, elas trabalhavam bem em grupo, com muita criatividade e disposição, pois adoravam sair do padrão tradicional das aulas. Todavia, mesmo sendo amigas, costumavam ter alguns conflitos que acabavam levando algum tempo para serem mediados e re-

solvidos. Eram, outrossim, turmas bastante agitadas, que tendiam a conversas e distrações durante a aula. Porém, também costumavam se engajar em todo tipo de debate sobre questões sociais, educacionais e afins, o que fazia com que as propostas, por vezes, ramificassem para outro tipo de reflexão e, ainda, pudessem ser desdobradas em várias outras forma de pensar o texto e o uso da língua portuguesa.

Além da relação de amizade que os alunos tinham, as turmas eram bastante ecléticas em sua formação. Nelas havia crianças de classes sociais diferentes, com diferente acesso à cultura pela cidade e, ainda, crianças de raça e identidade racial diversas, que tinham visões de mundo que, por vezes, divergiam. Esta situação trazia grande riqueza para a formação de todos e todas.

Por último, é importante ressaltar que a escola era uma escola pública, da rede federal, bastante tradicional na cidade do Rio de Janeiro, o que fazia com que as expectativas sobre as atividades pedagógicas e o desempenho das crianças fossem sempre bastante altas e criassem certas pressões para que todos respondessem positivamente.

A proposta de trabalho foi planejada e realizada seguindo as seguintes etapas:

1º) Apresentação de vídeos de poesias sendo declamadas.

Como a turma já conhecia alguma coisa sobre o texto poético, a primeira atividade desta proposta foi a exibição de diferentes vídeos com pessoas declamando poesia. A ideia inicial era que as crianças pudessem ouvir o ritmo com o qual cada poesia era lida e percebessem que o texto poético tem um modo especial de ser lido, diferente do texto narrativo.

Foram selecionadas cinco poesias declamadas por pessoas distintas. Quando foi feita a seleção, pensou-se em oferecer às turmas poesias que abordassem temáticas que pudessem interessar aos alunos e, ainda, trouxesse algum tipo de engajamento social, pois, como foi dito anteriormente, as crianças engajavam-se em debates e gostavam de refletir acerca das mais diversas temáticas. As poesias escolhidas foram:

- *Pense Grande*, da poeta Mel Lisboa - Trata-se de uma poesia contemporânea, escrita e declamada por uma artista da periferia, que costuma dialogar bem com os jovens.
- *Magia Negra*, do poeta Sérgio Vaz - Também um poeta da periferia. Esse texto traz uma reflexão acerca das questões raciais e do racismo muitas vezes subjacente ao uso da Língua Portuguesa.
- *Vozes Mulheres*, de Conceição Evaristo - Essa escritora, em sua poesia, fala da experiência de mulheres negras atravessando o tempo e a situação de escravização e subalternidade do

povo negro no Brasil.

A seleção das poesias a serem exibidas e lidas pelos alunos foi feita baseada no interesse que as crianças demonstraram ter, mas também considerando a importância de oferecer-lhes acesso a autores que não costumam figurar livros e outros materiais didáticos. Por isso foram escolhidos autores e autoras, negras, periféricos e afins, para que as crianças pudessem conhecer todo tipo de escritor, e não apenas os que são hegemonicamente oferecidos, ainda, pela maioria das propostas pedagógicas com que se tem contato na escola. Para pensar de forma antirracista é necessário também aprender que há autores não-brancos e mostrar aos alunos tais autores.

Durante a realização dessa parte da atividade, as crianças ficaram muito interessadas, e conseguiram perceber bem o ritmo e a fluência de leitura dos poemas. Além disso, elas também puderam debater os temas que surgiram em cada uma delas, expressaram seu entendimento, as inferências que tinham feito e, também, deram suas opiniões sobre os textos.

2º) Declamação em grupo

Nesta etapa a turma se dividiu em grupos e cada grupo recebeu um dos poemas para fazer a leitura e declamação.

Divisão em grupos sempre pode causar certos incômodos e levar algum tempo em turmas de crianças nos Anos Iniciais. Neste caso, as crianças tiveram liberdade para escolher com quais colegas gostariam de trabalhar, sem nenhum parâmetro estabelecido previamente pela professora, a não ser o de que o grupo deveria ter cinco componentes.

Uma vez em grupo, elas receberam uma cópia de uma das poesias que haviam sido ouvidas. Esta divisão foi feita aleatoriamente, e os grupos se puseram a trabalhar com o texto. Cada grupo deveria ler sua poesia entre si, e preparar uma declamação dela para apresentar à turma, mais ou menos no estilo jogral. Sendo que os grupos eram livres para decidir como seria sua apresentação.

Ao final desta etapa, todos os grupos se apresentaram para a turma da forma como haviam planejado. Alguns grupos dividiram as poesias por estrofe, outros por versos e alguns ainda decidiram que nem todos os integrantes do grupo iriam participar da declamação ativamente, porém todos participaram da organização e ensaio.

3º) Produção textual: escrita de poesia

A última etapa desta proposta de atividade pedagógica foi a escrita de uma poesia, uma vez que entende-se que a produção textual é parte importante do trabalho de Língua Portuguesa.

sa nos Anos Iniciais.

Sendo assim, foi proposto para os alunos que escrevessem sua própria poesia. Esta atividade ainda foi realizada em grupo, os mesmos que fizeram a leitura e apresentação na etapa anterior. Isso porque entende-se que a escrita de poesia não é uma coisa que se realize corriqueiramente na escola e era importante que as crianças criassem-na coletivamente a fim de sentirem-se seguras com essa escrita.

Desta forma, cada grupo precisou debater entre si acerca de qual tema iria figurar sua poesia. Para essa escrita não foi pre-determinado nenhum assunto pela professora, de forma que os alunos pudessem escrever sobre o que tinham interesse.

As crianças escreveram todo tipo de poesia e ficaram bastante entusiasmadas. No momento de exibir as poesias no mural das turmas para que todos pudessem ver, ficou claro quantas coisas interessam aos alunos e como eles são muito capazes de criarem todo tipo de texto. Alguns grupos escreveram sobre amizade, sobre Ciências, sobre família, sobre videogame. Ou seja, toda sorte de situações que eles vivem em seu cotidiano. A partir daí, foi possível ver que a poesia havia deixado de ser um texto “confuso” e “difícil”, para tornar-se mais uma forma de expressão e arte para as turmas do 4º ano da escola.

Discussão

Uma proposta de trabalho pedagógico nunca trata-se de algo que acontece por acaso. Sempre é necessário que se tenha um bom planejamento, e ao realizar tal planejamento, é preciso levar em conta diversas questões que podem e devem atravessar aquela atividade.

A professora ou o professor que deseja educar de maneira antirracista, que deseja sair da ideia eurocêntrica de escola e buscar novos olhares para oferecer a seus alunos, precisa estar sempre consciente de qual é sua proposta e seu objetivo. E, além disso, deve conhecer autores e materiais que contemplem suas ideias.

No caso desta atividade pedagógica havia objetivos claros em mente quando foi planejada. Era necessário trabalhar o gênero textual poesia por demanda do currículo da própria escola. Diante disso, pode-se simplesmente oferecer aos alunos os mesmos poemas e autores de sempre, que em geral são homens e/ou brancos. Todavia, a escolha feita foi a de partir para autores e autoras negras e periféricos. Isso porque existe também a crença de que os autores hegemônicos serão oferecidos aos alunos em outras situações educativas, fazendo com que a oportunidade de agir de forma contra hegemônica deva ser sempre aproveitada pelas educadoras e educadores antirracistas.

As turmas de 4º ano de 2017 tiveram a oportunidade de se deparar com poesias e poetas

que não seguiam o padrão que a escola costuma propor. E isso abriu-lhes o olhar para um mundo ainda maior.

Durante as aulas, muitos assuntos foram levantados pelos alunos. Tais assuntos atravessaram a todos nós que ali nos encontrávamos. Quando a poeta Mel Duarte surgiu em nossa tela, sua aparência chamou atenção. Mulher negra, com cabelos em *dreadlocks*, andando por dentro da favela falando de possibilidades para o futuro. Imediatamente um menino chamou-a de feia, enquanto sua amiga, menina afrodescendente, candomblecista, disse que era linda. Essa situação forçou uma pausa para pensarmos acerca do racismo que nos atravessa os gostos, o que consideramos belo. Depois desse debate, muitas meninas disseram que gostaram demais do poema e da poeta. E, no dia seguinte, trouxeram outros poemas da mesma autora que haviam encontrado na internet.

Para além dos debates que acabaram surgindo com os temas que eram abordados nas poesias disponibilizadas aos alunos, há ainda o fato de que a arte faz sentir. E esta característica não demanda necessariamente explicação ou debates. Assim foi o caso de um menino que simplesmente não se aguentou e chorou quando ouviu *Vozes Mulheres* sendo recitado pela própria Conceição Evaristo. Menino branco e de classe média, com pouca relação com a referência que o texto fazia. No entanto, em se tratando de sentimento, a poesia de alguma forma despertou-lhe isso.

Uma educação antirracista levará conseqüentemente a mudanças para os indivíduos que por ela sejam atravessados. A valorização de autores e arte negros, a reflexão acerca dos processos discriminatórios sociais, como a construção do belo e a formação do Brasil com todas as suas matrizes levarão, impreterivelmente, a posturas antirracistas entre os alunos e alunas.

Não podemos mais admitir que lidar com o racismo e as relações étnico-raciais sejam ainda tratado como assuntos “extracurriculares” ou exclusivamente de movimentos sociais. A legislação vigente, na forma da lei 10 639/03, por sua vez, também deixa bastante explícito que a postura antirracista é dever da escola como um todo.

Diante deste relato de experiência, perceber-se que, em se tratando do ensino da Língua Portuguesa e do uso do texto literário, é possível realizar propostas antirracistas no Primeiro Segmento do Ensino Fundamental, oferecendo às alunas e alunos possibilidades muito além daquelas hegemonicamente propostas pelos currículos escolares. Propostas capazes de educar crianças para a superação do racismo na sociedade.

Conclusão

A realização de propostas de trabalho pedagógico com textos literários de cunho antirra-

cista em sala de aula é uma coisa imprescindível para a educação democrática no nosso país. Em que pese o fato de que muitos ainda acreditarem no mito da democracia racial, sabe-se através de estudos e pesquisas, que a população negra brasileira ainda é aquela que mais vive a exclusão social e a pobreza que, infelizmente, ainda perpassa todo o território do Brasil. Considerando que a escola, como instituição que é, foi pensada e constituída sobre uma égide racista, e tem poder social para propagá-lo - ou lutar contra ele - o educador ou a educadora antirracista deve estar consciente da importância do papel que pode desempenhar naquele lugar.

O trabalho em sala de aula com poesias e poetas negros e periféricos mostrou-se essencial para que as crianças pudessem ter contato com intelectuais negras e negros e também com temáticas que as fizessem refletir acerca de diversas questões que atravessam a todas e todos cotidianamente. As relação étnico-raciais estão sempre permeando os acontecimentos nas escolas e lidar com essas relações é parte da função dos educadores e educadoras que ali estão inseridos. É claro que os docentes lidam com pressões e forças institucionais que, por vezes, estão além de suas possibilidades pedagógicas, todavia, é crucial procurar por alternativas na própria escola onde atua, para que a sua prática possa se dar de acordo com o entendimento da legislação e com suas ideias democráticas e antirracistas.

Se entendemos a escola como um lugar onde formamos pessoas para a plena cidadania, é preciso garantir que todas as crianças, de todas as raças e gêneros, tenham acesso a uma educação antirracista, através da qual, a sociedade possa caminhar para o futuro mais justo e menos desigual que desejamos.

Referências bibliográficas

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

REZENDE, M^a. A. de; JOVER-FALEIROS, R. (orgs). *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013

SALES, Augusto dos Santos (org). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.